



Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação


Universidade do Porto

**“Conhecimentos, Comportamentos e  
Atitudes, Face às Bebidas Alcoólicas,  
de um Grupo de Alunos de Ensino  
Secundário”**

Trabalho Complementar de Estágio

Sílvia Cunha – 2003 / 2004





*Foi longo, e tortuoso, o caminho percorrido  
Até ao cume da montanha...  
Mas agora, aqui, o ar parece mais puro,  
Os sons mais cristalinos  
E as estrelas estão, definitivamente, mais perto...*



## ÍNDICE

Lista de Abreviaturas	2
Resumo	3
1. Introdução	5
2. Objectivos	10
3. Material e Métodos	
3.1. Participantes	10
3.2. Metodologia	11
3.3. Análise Estatística	11
4. Resultados	
4.1. Descrição dos participantes	12
4.2. Conhecimentos	14
4.3. Comportamentos e atitudes	19
4.3.1. Frequência de consumos	24
5. Discussão	27
6. Conclusões	33
Bibliografia	34
Índice de Anexos	41

## LISTA DE ABREVIATURAS

**GA** – Grupo A - Alunos dos 10º, 11º e 12ºs anos da Escola EB 2+3 e Secundária de Ribeira de Pena – Meio Rural

**GB** – Grupo B - Alunos dos 10º, 11º e 12ºs anos da Escola Secundária Alexandre Herculano – Meio Urbano

**OMS** – Organização Mundial de Saúde

**p** – Valor de prova

**r** – Coeficiente de correlação de *Spearman*

**SPSS** – *Statistical Package for the Social Sciences*

## RESUMO

Nos dados mais recentes relativos à ingestão de álcool, Portugal é colocado, pela Organização Mundial de Saúde, na lista dos países mundiais com “elevados níveis de consumo” (superior a 10 litros de álcool puro/ pessoa/ ano).

Estudos demonstram, que a prevalência do consumo abusivo de álcool tem aumentado na maioria dos países desenvolvidos desde 1990. Estes aumentos não se circunscrevem a indivíduos adultos. Os adolescentes têm também vindo a aumentar progressivamente os seus consumos. Este facto constitui, actualmente e em vários países, uma das maiores preocupações de saúde pública.

Foi objectivo deste trabalho avaliar conhecimentos, comportamentos e atitudes face às bebidas alcoólicas de uma população de alunos do ensino secundário, de modo a proporcionar um melhor conhecimento e compreensão dos hábitos relacionados com o álcool em adolescentes e dos contextos em que estes ocorrem.

Construiu-se um questionário para administração directa aos alunos que contempla dados sócio-económicos e questões sobre conhecimentos, comportamentos e atitudes face às bebidas alcoólicas. Os adolescentes inquiridos foram divididos em dois grupos, consoante o meio de residência: Grupo A (GA) – meio rural / Grupo B (GB) – meio urbano. Fez-se uma análise descritiva das variáveis, recorrendo-se a testes estatísticos nos casos em que se pretendeu uma comparação das mesmas.

Verificou-se um grande desconhecimento dos inquiridos, quer no que diz respeito a mitos e falsos conceitos associados às bebidas, quer nas noções que têm sobre possíveis efeitos que possam advir da ingestão de álcool: 20% GA e 13% GB

( $p=0,004$ ) acham que as bebidas alcoólicas ajudam a esquecer os problemas e as tristezas; 43% GA e 33%GB ( $p=0,015$ ) pensam ser impossível realizar uma festa sem álcool; 30% GA e 22% GB ( $p=0,019$ ) concordam que consumir estas bebidas é uma das formas mais agradáveis de festejar e 52% GA e 40% GB ( $p=0,003$ ) consideram que os sentimentos são mais fáceis de expressar depois de ingerir bebidas alcoólicas. O primeiro contacto com o álcool foi precoce (cerca de 20% teve esse primeiro contacto entre os 6 e os 11 anos), ocorreu em casa e na companhia de familiares. A amostra em estudo referiu consumir álcool sobretudo para se divertir mais (37% GA e 25% GB;  $p<0,001$ ); porque os amigos também bebem (34% GA e 10% GB;  $p<0,001$ ); porque gostam do sabor (30% GA e 44% GB;  $p=0,012$ ); e para fugir / esquecer os problemas (23% GA e 13% GB;  $p=0,018$ ). A maioria dos inquiridos faz os seus consumos alcoólicos actuais em bares e na companhia dos amigos, sendo as bebidas mais referidas: “shots”, “alcopops” e “bebidas longas” em detrimento do vinho.

Quer a ausência de saber nas questões relacionadas com o consumo de álcool, quer a elevada permissividade familiar e social, conjugadas com a vulnerabilidade característica da adolescência, tornam as bebidas alcoólicas num grave risco para esta amostra da população.

## 1. INTRODUÇÃO

Portugal tem um grande historial de produção e consumo de bebidas alcoólicas.<sup>(1)</sup> Aliado a isto, a nossa sociedade apresenta uma elevada permissividade à ingestão das mesmas, sendo a banalidade do consumo tal, que hoje em dia, quem não ingere bebidas alcoólicas é rotulado de “diferente”.

Nos dados mais recentes de consumo total de álcool puro, Portugal encontra-se em 4º lugar, com uma ingestão média anual *per capita* na ordem dos 10,6 litros<sup>(1)</sup> sendo, deste modo, colocado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na lista dos países mundiais com “elevados níveis de consumo” (superior a 10 litros de álcool puro/ pessoa/ ano).<sup>(2)</sup>

Separando o consumo global de álcool pelos diferentes tipos de bebidas, verificamos que os padrões se têm vindo a alterar, com a diminuição progressiva da ingestão de vinho e o aumento dos consumos de cerveja e bebidas destiladas.  
(1, 3, 4)

Os locais escolhidos para a ingestão de bebidas alcoólicas têm também vindo a sofrer alterações, com os bares e discotecas (locais de diversão nocturna) a ocupar, cada vez mais, o lugar de destaque nas preferências dos consumidores, sobretudo dos mais jovens.<sup>(5, 6)</sup>

Estudos demonstram, que a prevalência do consumo abusivo de álcool tem aumentado na maioria dos países desenvolvidos desde 1990.<sup>(7)</sup> No relatório mais recente da OMS, estima-se que cerca de 2 biliões de pessoas, em todo o mundo, sejam consumidoras frequentes de bebidas alcoólicas e que 76,3 milhões tenham problemas ligados ao álcool. Estes números constituem uma crescente preocupação.<sup>(8)</sup>

Ainda de acordo com a OMS, a mortalidade e morbilidade associadas ao álcool são superiores às que se associam aos hábitos tabágicos. <sup>(9)</sup>

A ingestão abusiva, contínua e prolongada de bebidas alcoólicas, pode ter efeitos nefastos na saúde. Estes podem ser directos, tais como cancro (boca, faringe, laringe, esófago), doença cerebrovascular hemorrágica <sup>(10)</sup>, doença hepática, pulmonar, pancreática, défices neuropsicológicos, desordens do sistema endócrino, lesões traumáticas, comprometimento da função imune, diminuição do potencial cognitivo, etc; e indirectos, como maior probabilidade de envolvimento em actividades criminosas, problemas judiciais, acidentes de viação <sup>(11-14)</sup>, prática de sexo desprotegido, risco aumentado para o desenvolvimento de desordens psiquiátricas (depressão, fraca auto-estima, pensamentos suicidas), entre outros. <sup>(15-17)</sup>

Para além da saúde, existe toda uma variedade de aspectos que são igualmente afectados pelo consumo abusivo de álcool, nomeadamente, a vida familiar, as relações sociais, a vida laboral <sup>(10, 14)</sup>, o rendimento escolar <sup>(10, 7, 18)</sup>, entre outros.

Estes aumentos nas taxas de consumo de álcool não se circunscrevem a indivíduos adultos. Apesar de esforços desenvolvidos no sentido de diminuir a ingestão de bebidas alcoólicas nos adolescentes, estes têm vindo a aumentar progressivamente os seus consumos. <sup>(15, 19, 20)</sup>, de tal modo, que este facto constitui, actualmente e em vários países, uma das maiores preocupações de saúde pública. <sup>(3, 5, 6, 21-26)</sup> Segundo Morais (1999) "*O álcool é a substância psicotrópica preferida pelos jovens*".

A adolescência constitui um período de grande mudança no desenvolvimento bio-socio-cultural, durante o qual o adolescente define a sua identidade, em parte, através da experimentação de novas vivências, circunstâncias e eventos. É uma

fase na qual ocorrem drásticas mudanças físicas, psicológicas, comportamentais e socioculturais <sup>(13, 27-32)</sup>, sendo durante este período da vida que muitos adolescentes iniciam comportamentos potencialmente prejudiciais ao estado de saúde, tais como: aquisição de hábitos alimentares inapropriados, consumo de drogas e tabaco e também de bebidas alcoólicas. <sup>(27-29, 33)</sup>

Do ponto de vista de saúde pública, não há evidências científicas de que exista um limite seguro de ingestão de bebidas alcoólicas, nomeadamente para crianças e adolescentes. <sup>(26)</sup> No entanto, a verdade é que os jovens, hoje em dia, consomem álcool em quantidades muito elevadas e prejudiciais à saúde. Os fins-de-semana são por excelência os dias preferidos para se embriagarem. <sup>(Breda, 1999)</sup> O importante é atingirem, o mais rápido possível, o estado de euforia e desinibição que pretendem.

Estes consumos têm consequências catastróficas. Segundo Jernigan (2001), 5% de todas as mortes a nível mundial de jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, são atribuíveis ao consumo de bebidas alcoólicas. <sup>(34)</sup> Em alguns países do continente Europeu, esse valor ascende aos 6% da mortalidade total, lançando o álcool para o patamar de substância psicoactiva mais perigosa. <sup>(19)</sup>

Segundo alguns estudos, ressalta também, que um terço dos acidentes rodoviários que envolvem adolescentes é devidos ao consumo de álcool. <sup>(11)</sup>

Para encontrar soluções, temos que primeiro entender quais as motivações que poderão estar na base destes consumos. Assim, os comportamentos alcoólicos em adolescentes são influenciados por vários factores, tais como, o grupo de pares, as atitudes dos adultos relativamente às bebidas alcoólicas, a política geral

de saúde, a publicidade e o próprio processo de desenvolvimento (desejo de autonomia, tentativa de auto afirmação, forma de protesto).<sup>(7)</sup>

Os adolescentes tendem a identificar-se com diferentes subculturas, que se distinguem entre si por vários factores, entre os quais, vestuário, estilos musicais, aparência geral e comportamentos. Nestes, podemos incluir o uso de determinadas substâncias, entre elas, as bebidas alcoólicas.<sup>(23, 35)</sup> Neste contexto, os grupos de pares assumem particular destaque, não só na iniciação do adolescente ao consumo de álcool, como também no aparecimento de padrões de uso excessivo.<sup>(17, 36)</sup>

O impacto da publicidade a bebidas alcoólicas no bem-estar do adolescente, nomeadamente no seu estado de saúde, é outro dos aspectos a ter em consideração, tendo sido, até hoje, objecto de vários estudos.<sup>(37)</sup> Essa publicidade, ao promover a ideia de que consumir bebidas alcoólicas é uma actividade normal e/ ou favorável, desempenha um papel fundamental na modelação das percepções e atitudes dos adolescentes face à ingestão dessas mesmas bebidas.<sup>(37, 38)</sup> Segundo Atkin *et al.* (1984) a maioria dos anúncios publicitários a bebidas alcoólicas mostra protagonistas “jovens, atraentes, bem sucedidos, elegantes e sofisticados”. Estudos demonstram que a faixa etária dos 15 aos 29 anos apresenta maior permeabilidade que faixas mais velhas a este tipo de publicidade.<sup>(37)</sup>

É também de notar que nos dias de hoje, existe um número crescente e preocupante de diagnósticos de doenças do comportamento alimentar, sendo cada vez mais frequentes, as tentativas de perda de peso rápidas e desequilibradas, com episódios de compulsão alimentar, alternados com outros de purgação / restrição.<sup>(28, 29, 39, 40-42)</sup> Alguns estudos indicam que adolescentes,

com este tipo de problema, possuem um risco aumentado para o consumo abusivo de álcool. <sup>(43)</sup>

Tem sido igualmente demonstrado que a ingestão de bebidas alcoólicas durante a adolescência pode conduzir a problemas no desenvolvimento, anteceder comportamentos anti-sociais e problemas ligados ao álcool na idade adulta <sup>(7, 19, 44)</sup>, bem como diminuir a probabilidade de se tornarem abstinentes <sup>(22, 45)</sup> e aumentar a probabilidade de problemas de saúde em fases mais avançadas da vida. <sup>(15, 46)</sup>

No entanto, a verdade é que, a par de outros comportamentos de risco durante a adolescência, a ingestão de bebidas alcoólicas não se manifesta por ignorância dos riscos, mas sim pela crença de que “comigo isso não acontece”. Ou seja, apesar de conscientes dos riscos que correm se adoptarem determinado comportamento, os adolescentes seguem em frente na adopção desses mesmos comportamentos <sup>(11, 46, 47)</sup>, pois o prazer que daí retiram suplanta o receio das desvantagens que estes possam acarretar. <sup>(46)</sup>

Deste modo, será de supor que a maioria dos programas de prevenção que se baseiam apenas na educação não venham a demonstrar resultados válidos.

Tendo em conta que a prevenção primária deve ter início em idades precoces, este estudo surge como forma de proporcionar um melhor conhecimento e compreensão dos hábitos relacionados com o álcool em adolescentes (crenças, iniciação, instalação de hábitos regulares e frequência de consumos) bem como dos contextos bio-psico-sociais em que estes ocorrem, possibilitando, deste modo, intervenções mais incisivas e eficazes.

## 2. OBJECTIVOS

Conhecer e avaliar os conhecimentos, comportamentos e atitudes face às bebidas alcoólicas de uma população de alunos do ensino secundário, residente num meio urbano e num meio rural, e testar, possíveis correlações, entre algumas das variáveis.

## 3. MATERIAL E MÉTODOS

### 3.1. Participantes

O presente trabalho constitui um estudo epidemiológico descritivo de desenho transversal, realizado sobre uma amostra de conveniência da população estudantil do ensino secundário: alunos que frequentam os 10º, 11º e 12ºs anos da Escola EB 2+3 e Secundária de Ribeira de Pena (GA) e alunos que frequentam os 10º, 11º e 12º anos da Escola Secundária Alexandre Herculano no Porto (GB).

O tamanho da amostra é de 362 indivíduos.

### 3.2. Metodologia

A recolha de dados foi realizada através da aplicação de um questionário <sup>(anexo 1)</sup> estruturado, de administração directa <sup>a</sup>, com questões de escolha múltipla que contemplou a recolha de dados socio-económicos dos alunos, bem como dos seus conhecimentos, comportamentos e atitudes face às bebidas alcoólicas.

O trabalho de campo decorreu durante o período lectivo, em Março de 2004, tendo sido solicitada autorização prévia, aos Conselhos Executivos das escolas.

### 3.3. Análise Estatística:

A análise estatística dos dados foi feita recorrendo ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 12.0.

Procedeu-se a uma análise descritiva das diversas variáveis.

Para comparação de médias entre os dois grupos (meio rural/ meio urbano), utilizou-se o teste de *t-student*. Para avaliar a associação entre variáveis nominais, recorreu-se ao teste do *Qui – quadrado*, ou em alternativa ao teste exacto de *Fisher*, nos casos em que os pressupostos para a aplicação do *Qui – quadrado* não eram cumpridos. No caso de variáveis ordinais, aplicou-se o teste de *Man-Whitney* para comparar ordens médias de amostras independentes.

Para avaliar o grau de relacionamento entre variáveis ordinais, aplicou-se o coeficiente de correlação de *Spearman*.

Consideraram-se estatisticamente significativos os valores de prova (*p*) inferiores a 0,05 ( $p < 0,05$ ).

---

a – O questionário foi construído com base no questionário utilizado por Breda (1996) no estudo "Bebidas alcoólicas e jovens", com o seu prévio consentimento.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Descrição dos participantes

Dos 362 inquiridos, 138 (38,1%) constituem o GA (meio rural) e 224 (61,9%) o GB (meio urbano). Em ambos os grupos, a percentagem de raparigas (56,5% GA e 64,3% GB) é superior à de rapazes (43,5% GA e 35,7% GB).

Ao analisar a distribuição dos inquiridos, por anos de escolaridade, verifica-se que existe uma diferença considerável entre as duas escolas. No GB (meio urbano), a percentagem de alunos que frequentam o 10º ano (68,3%) é muito superior à percentagem que frequenta os 11º e 12º anos (17,0% e 14,7% respectivamente). No GA (meio rural), a distribuição é mais uniforme, 34,8% dos alunos encontram-se no 10º ano, 31,2% no 11º e 34,1% no 12º ano (Tabela 1).

No GA a idade média dos adolescentes é de  $16,7 \pm 1,19$  anos (min:15, max:20, Mo:17) e no GB de  $16,4 \pm 1,34$  anos (min:14, max:22; Mo:16).

No que diz respeito ao aproveitamento escolar, é de referir que 33,1% do GA e 37,2% do GB reprovaram pelo menos uma vez. Ao analisar a amostra por número de reprovações, verifica-se que a média em ambos os grupos é semelhante, sendo de  $0,51 \pm 0,94$  (min:0, max:7) para o GA e de  $0,58 \pm 0,87$  (min:0, max:3) para o GB.

Dos inquiridos, 80,4% no GA e 71,9% no GB, referiram morar com ambos os progenitores.

No que se refere ao grau de escolaridade dos progenitores, constata-se que, em ambos os grupos, a maior parte dos pais possui apenas o 1º ciclo do ensino

básico (64,6% GA e 36,2% GB,  $p < 0,001$ ). Apenas 7% no GA e 6% no GB têm licenciatura.

Em relação à escolaridade das mães, a situação é semelhante. Em ambas as escolas, a maioria tem o 1º ciclo (51,9% GA e 35,3% GB,  $p = 0,001$ ) e apenas 7% no GA e 6% no GB têm licenciatura.

Ao analisar a profissão do pai dos indivíduos da amostra, e tendo por base a Classificação Nacional das Profissões do Instituto Nacional de Estatística, verifica-se que no GA a maior parte (22,4%) são agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas ( $p < 0,001$ ), logo seguidos dos trabalhadores não qualificados com uma percentagem de 19,0%. Neste grupo, as profissões dos quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa apenas contabiliza 6,9% do total.

No GB, o cenário é um pouco diferente. A maior parte corresponde ao pessoal dos serviços e vendedores (33,9%;  $p < 0,001$ ), seguido dos operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem, com uma percentagem de 17,8%.

Relativamente à profissão das mães dos inquiridos, o cenário muda um pouco. Nos dois grupos, a maior parte das mães não tem profissão (61,8% GA e 30,9% GB;  $p < 0,001$ ) e 12,2% do GA e 29,5% do GB são trabalhadoras não qualificadas ( $p < 0,001$ ).

<i>Estabelecimento Ensino</i>	<i>Sexo</i>	<i>Ano Escolaridade</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
<b>Ribeira de Pena</b>	feminino	10º	27	7,5
		11º	22	6,1
		12º	29	8,0
		Total	78	21,6
	masculino	10º	21	5,8
		11º	21	5,8
		12º	18	5,0
<b>Alexandre Herculano</b>	feminino	10º	97	26,7
		11º	29	8,0
		12º	18	5,0
		Total	144	39,7
	masculino	10º	56	15,5
		11º	9	2,5
		12º	15	4,1
		Total	80	22,1

**Tabela 1 – Descrição da amostra por estabelecimento de ensino, sexo e ano de escolaridade.**

#### **4.2. Conhecimentos**

Relativamente às noções que os inquiridos têm de alguns mitos e falsos conceitos em relação às bebidas alcoólicas, destaca-se que 7,2% do GA e 2,2% do GB pensam que estas dão força e fazem com que as pessoas se sintam em forma, 18,8% do GA e 28,3% do GB acham que em algumas situações a sua ingestão pode ser benéfica para a saúde, 14,4% do GA e 10,8% do GB concordam que o consumo de álcool não é prejudicial desde que o indivíduo se sinta bem, 7,2% do GA e 5,3% do GB consideram o vinho e outras bebidas alcoólicas como alimentos, assim como 20,3% do GA e 14,8% do GB ( $p=0,003$ ) concordam que este tipo de bebidas tira a sede e 49,3% do GA e 56,9% do GB acham que elas aquecem.

Em relação a algumas noções sobre possíveis efeitos que possam advir da ingestão de álcool, evidencia-se que 19,5% do GA e 13,1% do GB ( $p=0,004$ ) concordam que as bebidas alcoólicas ajudam a esquecer os problemas e as tristezas, 13,8% do GA e 8,5% do GB ( $p=0,045$ ) pensam que consumir estas bebidas pode ser uma boa maneira de fazer amizades, 42,8% do GA e 33,2% do GB ( $p=0,015$ ) acham que é impossível organizar uma festa sem bebidas alcoólicas, 29,7% do GA e 21,9% do GB ( $p=0,019$ ) concordam que consumir estas bebidas é uma das formas mais agradáveis de festejar e 51,5% do GA e 40,4% do GB ( $p=0,003$ ) acham que os sentimentos são mais fáceis de expressar depois de ingerir bebidas alcoólicas.

No que diz respeito a questões legislativas, 8,7% do GA e 6,7% do GB acham que se devem vender bebidas alcoólicas nas cantinas de escolas secundárias, 33,4% do GA e 22,4% do GB não concordam com a proibição de venda destas bebidas em estabelecimentos próximos de escolas e 10,8% do GA e 7,1% do GB não concordam com a proibição de venda das mesmas a menores de 16 anos. Em relação a este último ponto, encontrou-se correlação positiva fraca, com significado estatístico, com: a idade ( $r=0,109$ ;  $p=0,045$ ), e o número de reprovações ( $r=0,124$ ;  $p=0,019$ ).

A percentagem de inquiridos que se sente pressionado a consumir bebidas alcoólicas quando vê outros jovens a fazê-lo não é de menosprezar (25,3% GA e 15,6% GB). Também se encontraram correlações positivas fracas, com significado estatístico, entre a percentagem de inquiridos que se sente pressionado a consumir bebidas alcoólicas quando vê outros jovens a fazê-lo e: a idade ( $r=0,142$ ;  $p=0,009$ ) e o número de reprovações ( $r=0,163$ ;  $p=0,002$ ).

É ainda de referir que 15,2% do GA e 6,2% do GB não consideram que o consumo de álcool possa constituir um risco para a saúde.

No entanto, a grande maioria dos adolescentes inquiridos, não se considera suficientemente informada no que diz respeito às bebidas alcoólicas já que, 91,3% do GA e 95,1% do GB, acham que as escolas deveriam fornecer informação acerca do consumo das mesmas, e suas consequências, de modo a ajudá-los a tomar decisões responsáveis relativas a esses mesmos consumos. Encontraram-se correlações negativas fracas, com significado estatístico, entre a necessidade que os alunos referiam de receber informação na escola sobre bebidas alcoólicas e a idade ( $r=-0,180;p=0,001$ ) e a necessidade que os alunos referiam de receber informação na escola sobre bebidas alcoólicas e o número de reprovações ( $r=-0,123;p=0,020$ ) (Tabela 2).

AFIRMAÇÃO	Meio Rural (GA)				Meio Urbano (GB)			
	CM/ C	NTC	D/ DM	NS	CM/ C	NTC	D/ DM	NS
c1 - As bebidas alcoólicas dão força e fazem c/ que as pessoas se sintam em forma.	7,2	5,8	85,5	1,5	2,2	2,7	94,2	0,9
c2 - As bebidas alcoólicas ajudam a esquecer os problemas e as tristezas.	19,5 *	24,6 *	52,2 *	3,7	13,1 *	14,3 *	63,2 *	9,4
c3 - Em algumas situações a ingestão de bebidas alcoólicas é benéfica para a saúde.	18,8	18,8	58,7	3,7	28,3	17,9	49,3	4,5
c4 - Consumir bebidas alcoólicas pode ser uma boa maneira de fazer amizades.	13,8 *	7,2 *	78,3	0,7	8,5 *	2,7 *	87,4	1,4
c5 - Nas escolas secundárias deveriam vender bebidas alcoólicas na cantina.	8,7	1,4	88,4	1,5	6,7	4,9	87,5	0,9
c6 - Admiro pessoas que consomem bebidas alcoólicas.	7,9	5,8	84,8	1,5	3,1	5,4	88,8	2,7
c7 - O consumo de álcool não é prejudicial desde que a pessoa se sinta bem.	14,4	10,9	72,5	2,2	10,8	10,2	74,5	4,5
c8 - O vinho e outras bebidas alcoólicas são alimentos.	7,2	17,4	72,5	2,9	5,3	11,3	80,2	3,2
c9 - Beber bebidas alcoólicas tira a sede.	20,3 *	28,3 *	42,7 *	8,7	14,8 *	17,9 *	55,1 *	12,2
c10 - As bebidas alcoólicas aquecem.	49,3	28,3	14,1	8,3	56,9	19,4	14,3	9,4

**Tabela 2 – Respostas relativas a questões sobre mitos, falsos conceitos sobre o álcool, alguns efeitos e crenças relativas a bebidas alcoólicas e a legislação relacionada com a venda e disponibilização de bebidas alcoólicas. \* - p < 0,05**

CM/ C – Concordo muito/ Concordo; NTC – Não tenho a certeza; D/ DM – Discordo/ Discordo Muito; NS – Não Sei

AFIRMAÇÃO	Meio Rural (GA)					Meio Urbano (GB)						
	CM/C	NTC	D/DM	NS	CM/C	NTC	D/DM	NS	CM/C	NTC	D/DM	NS
	c11 - O consumo de bebidas alcoólicas constitui um risco para a saúde.	81,2	2,2	15,2	1,4	85,2	4,9	6,2	3,7			
c12 - Concordas com a proibição de venda de bebidas alcoólicas em estabelecimentos próximos de escolas.	60,1	5,1	33,4	1,4	62,8	12,6	22,4	2,2				
c13 - As escolas deveriam fornecer informações acerca do consumo de bebidas alcoólicas e suas consequências, de modo a ajudar os jovens a tomar decisões responsáveis relativamente a esses consumos.	91,3	2,9	5,1	0,7	95,1	3,1	1,3	0,4				
c14 - Considero aborrecidas as pessoas que não ingerem bebidas alcoólicas.	5,0	6,5	85,5	2,9	2,7	4,9	88,8	3,6				
c15 - Concordas com a proibição de venda de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos.	84,8	4,3	10,8	0	81,6	7,6	7,1	3,6				
c16 - É impossível organizar uma festa sem bebidas alcoólicas.	42,8 *	12,3	44,9	0	33,2 *	9,9	56	0,9				
c17 - Ver jovens a consumir bebidas alcoólicas leva-me, por vezes, a beber também.	25,3 *	5,8	68,2	0,7	15,6 *	8,1	73,1	3,1				
c18 - Consumir bebidas alcoólicas é uma das formas mais agradáveis de festejar.	29,7 *	17,4	52,1	0,7	21,9 *	13,9	61,0	3,1				
c19 - Depois de ingerir bebidas alcoólicas é mais fácil expressar sentimentos.	51,5 *	17,4	24,6	6,5	40,4 *	18,4	33,2	8,1				

**Tabela 2 (cont.) – Respostas relativas a questões sobre mitos, falsos conceitos sobre o álcool, alguns efeitos e crenças relativas a bebidas alcoólicas e à legislação relacionada com a venda e disponibilização de bebidas alcoólicas. \* -  $p < 0,05$**

CM/ C – Concordo muito/ Concordo; NTC – Não tenho a certeza; D/ DM – Discordo/ Discordo Muito; NS – Não Sei

### 4.3. Comportamentos e atitudes

A maioria dos inquiridos teve a sua primeira ingestão de álcool entre os 12 e os 17 anos de idade (67,7% GA e 61,4% GB). No entanto, 18,8% do GA e 18,1% do GB tiveram esse primeiro contacto entre os 6 e os 11 anos e 3,0% do GA e 3,3% do GB antes dos 5 anos. Apenas 8,3% do GA e 13,5% do GB referiram nunca ter ingerido bebidas alcoólicas.

Na maioria dos casos (47,6% GA e 47,6% GB), os indivíduos da amostra encontravam-se em casa aquando dessa primeira ingestão (Tabela 3), acompanhados pela família (45,5% GA e 50,5% GB) ou por amigos (51,2% GA e 44,5% GB) (Tabela 4).

<i>LOCAL</i>	<i>GA (%)</i>	<i>GB (%)</i>
<i>bar</i>	26,2 *	16,2 *
<i>discoteca</i>	3,2 *	15,7 *
<i>café junto escola</i>	0,8	0,5
<i>outro café</i>	2,4	2,2
<i>casa amigos</i>	16,7	13,5
<i>casa</i>	47,6	47,6
<i>outro</i>	3,2	4,3

Tabela 3 – Local onde se encontravam aquando da primeira ingestão de bebidas alcoólicas. \* -  $p < 0,05$

	<i>GA (%)</i>	<i>GB (%)</i>
<i>Sozinhos</i>	3,3	3,7
<i>Com amigos</i>	51,2	44,7
<i>Com família</i>	45,5	50,5
<i>Outro</i>	0	1,1

Tabela 4 – Com quem estavam aquando da primeira ingestão de bebidas alcoólicas.

Apesar da maioria dos inquiridos (38,6% do GA e 56,1% GB;  $p=0,016$ ) nunca se ter sentido embriagado, é de referir que 3,1% do GA e 2,0% do GB referiram já se ter sentido entre 21 a 40 vezes (Tabela 5).

Encontraram-se correlações positivas fracas, com significado estatístico, entre o número de embriaguezes e a idade ( $r=0,227$ ;  $p<0,001$ ) e o número de embriaguezes e o número de reprovações ( $r=0,188$ ;  $p=0,001$ ).

<b>Número de Embriaguezes</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>
<b><i>nenhuma</i></b>	38,6 *	56,1 *
<b><i>1-2 vezes</i></b>	29,9	27,0
<b><i>3-5 vezes</i></b>	15,0 *	6,1 *
<b><i>6-10 vezes</i></b>	7,9	4,6
<b><i>11-20 vezes</i></b>	4,7	2,0
<b><i>21-40 vezes</i></b>	3,1	2,0
<b><i>mais de 40 vezes</i></b>	0,8	2,0

**Tabela 5 – Número de embriaguezes referidas. \* -  $p < 0,05$**

A amostra em estudo referiu consumir bebidas alcoólicas fundamentalmente para se divertir mais (37,4% GA e 24,7% GB;  $p<0,001$ ), porque os amigos também bebem (34,1% GA e 9,9% GB;  $p<0,001$ ), porque gostam do sabor (30,1% do GA e 44,3% do GB;  $p=0,012$ ) e para fugir/ esquecer os problemas (23,0% GA e 12,6% GB;  $p=0,018$ ) (Tabela 6).

39,8% do GA e 43,5% do GB acham que seu o consumo de álcool não é prejudicial. No entanto, dos que acham que esse consumo constitui um prejuízo (46,3% GA e 43,5% GB), 93,2% do GA e 84,1% do GB referiram que é na saúde em geral que o consumo de álcool vai exercer maior prejuízo, 50,8% do GA e 38,6% do GB pensam ser na escola e 25,4% do GA e 25,0% do GB na relação com os pais (Tabela 7).

RAZÕES	GA (%)	GB (%)
<i>Os meus amigos também bebem</i>	34,1 *	9,9 *
<i>Não ser gozado no grupo</i>	5,0	3,9
<i>Porque me divirto mais</i>	37,4 *	24,7 *
<i>Faz-me sentir mais adulto</i>	5,0	1,6
<i>Sinto necessidade de beber álcool</i>	2,1	2,2
<i>Fugir/ esquecer os problemas</i>	23,0 *	12,6 *
<i>Desafiar autoridade dos pais/ professores</i>	1,0	1,6
<i>Ficar embriagado</i>	4,1	2,7
<i>Sentir confiança para "meter" conversa e conhecer pessoas</i>	15,0	12,1
<i>Gosto do sabor</i>	30,1 *	44,3 *
<i>Outra</i>	14,0	14,7
<i>Não responde</i>	25,2	26,6

Tabela 6 – Razões pelas quais os indivíduos da amostra consomem bebidas alcoólicas.

\* -  $p < 0,05$ 

LOCAIS	GA (%)	GB (%)
<i>Bar</i>	46,8	52,3
<i>Discoteca</i>	14,7	21,9
<i>Café</i>	2,8	2,0
<i>Em casa de amigos</i>	12,8	4,0
<i>Em sua casa</i>	18,3	17,2
<i>Outro</i>	4,6	2,6

Tabela 7 – Locais onde é habitual ingerirem bebidas alcoólicas.

Os bares foram mais referidos, pelos indivíduos de ambos os grupos, como local habitual do consumo de álcool (46,8% GA e 52,3% GB), seguidos da casa para os inquiridos do GA (18,3%) e das discotecas para os indivíduos do GB (21,9%) (Tabela 8). A maioria referiu fazer estes consumos na companhia de amigos (77,8% GA e 74,2% GB).

<b>ASPECTOS</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>
<i>Na escola</i>	50,8	38,6
<i>Na saúde em geral</i>	93,2	84,1
<i>Na relação com os pais</i>	25,4	25,0
<i>Na relação com os amigos</i>	25,4	19,3
<i>Outro</i>	0	3,4
<i>Não sabe</i>	3,4	6,9

**Tabela 8 – Aspectos nos quais os inquiridos consideram que a ingestão de bebidas alcoólicas os prejudica.**

Ao analisar a frequência das saídas nocturnas (cafés, bares e discotecas), verifica-se que a percentagem dos inquiridos que sai uma ou duas vezes por semana é muito mais elevada no GA do que no GB, respectivamente 32,3% e 15,6% ( $p < 0,001$ ) (Tabela 9).

Encontraram-se correlações negativas fracas, com significado estatístico, entre a frequência de saídas nocturnas e a idade ( $r = -0,162$ ;  $p = 0,003$ ) e a frequência de saídas nocturnas e o número de reprovações ( $r = -0,182$ ;  $p = 0,001$ ).

<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>
<i>Várias vezes/ semana</i>	9,0	5,7
<i>Uma a duas vezes/ semana</i>	32,3 *	15,6 *
<i>Mais do que duas vezes/ mês</i>	6,8	8,0
<i>Uma a duas vezes/ mês</i>	3,8	8,5
<i>Em ocasiões especiais</i>	24,8	25,9
<i>Raramente</i>	15,8 *	26,4 *
<i>Nunca</i>	7,5	9,9

**Tabela 9 – Frequência das saídas nocturnas. \* -  $p < 0,05$**

No que respeita ao consumo de bebidas alcoólicas quando saem à noite, pode-se verificar que 29,8% do GA e 21,8% do GB referiu beber algumas das vezes em que sai, 11,6% do GA e 12,4% do GB refere beber na maioria das vezes e 5,8% do GA e 15,0% do GB refere ingerir álcool sempre que sai (Tabela 10).

<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>
<b>Sempre</b>	5,8	15,0
<b>A maioria das vezes</b>	11,6	12,4
<b>Algumas vezes</b>	29,8	21,8
<b>Raramente</b>	25,6	20,7
<b>Nunca</b>	27,3	30,1

**Tabela 10 – Frequência de ingestão de bebidas alcoólicas nas saídas nocturnas.**

Encontraram-se correlações positivas fracas, com significado estatístico, entre a frequência de consumo de álcool nas saídas nocturnas e a idade ( $r=0,173$ ;  $p=0,003$ ), entre a frequência de consumo de álcool nas saídas nocturnas e o número de reprovações ( $r=0,192$ ;  $p=0,001$ ). Entre a frequência de consumo de álcool nas saídas nocturnas e a idade de primeiro contacto com as bebidas também se encontrou uma correlação baixa, com significado estatístico, mas neste caso, negativa ( $r=0,325$ ;  $p<0,001$ ).

Uma grande parte dos inquiridos (42,1% GA e 43,0% GB) referiu que a maioria dos amigos com quem sai à noite consome bebidas alcoólicas. Apenas 8,3% do GA e 14,0% do GB, respondeu que nenhum amigo bebia (Tabela 11).

	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>
<b>Todos</b>	10,7	14,0
<b>A maioria</b>	42,1	43,0
<b>Poucos</b>	38,8	29,0
<b>Nenhum</b>	8,3	14,0

**Tabela 11 – Amigos que ingerem bebidas alcoólicas nas saídas nocturnas.**

Quando questionados sobre quem tinha por hábito ingerir bebidas alcoólicas em casa, constata-se que, em relação ao pai, em ambos os grupos, a percentagem

de respostas positivas é muito elevada (78,9% GA e 60,3% GB;  $p < 0,001$ ). No caso da mãe, os valores descem consideravelmente (40,6% GA e 36,9% GB).

Apenas 6,4% do GA e 7,8% do GB referiu considerar os consumos alcoólicos dos progenitores excessivos.

No entanto, 21,2% dos inquiridos do GA e 19,2% do GB referiram ter (ou ter tido) alguém do seu agregado familiar com um problema de dependência alcoólica.

#### **4.3.1 Frequência de consumos de diferentes tipos de bebidas nas 4 semanas anteriores à aplicação do questionário**

Quando questionados sobre os consumos de bebidas alcoólicas, nas 4 semanas anteriores à aplicação do questionário, 53,6% do GA e 56,7% do GB referiram ter ingerido, pelo menos uma bebida alcoólica, durante esse período de tempo.

Destes, 4,2% do GA referiu ter ingerido mais do que uma vez ao dia: “*alcopops*”, bebidas longas (“*safari-cola*”, “*vodka-limão*”, etc.), “*shots*” e cerveja; 4,4% do GB referiu ter ingerido bebidas longas e 3,2% “*shots*” várias vezes ao dia; 5,3% do GB referiu ter bebido destiladas uma ou duas vezes por dia. Em relação à frequência de ingestão de uma ou duas vezes por semana, 22,3% do GA e 11,2% do GB referiu ter bebido “*alcopops*”, 18,3% do GA e 7,1% GB ( $p = 0,042$ ) referiu ter ingerido cerveja e 14,3% do GA e 13,1% do GB referiu ter ingerido bebidas longas. Com consumos de uma ou duas vezes por mês, encontramos 43,2% no GA e 35,3% no GB para as bebidas longas, 34,1% no GA e 30,2% no GB para as destiladas e 27,1% no GA e 33,2% para os “*alcopops*” (Tabela 12).

<b>BEBIDAS</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>	<b>GA (%)</b>	<b>GB (%)</b>
	várias vezes/ dia		1-2 vezes/ dia		1-2 vezes semana		1-2 vezes/ mês	
<b>Cerveja</b>	4,2	2,0	4,2	2,0	18,3 *	7,1 *	18,0	14,9
<b>Destiladas</b>	3,1	2,0	3,1	5,3	15,1	8,3	34,1	30,2
<b>Vinho</b>	2,8	0	0,8	2,0	0	2,0	8,2	8,9
<b>"Shots"</b>	4,2	3,2	4,2	2,0	8,2	10,3	26,0	31,3
<b>"Alcopops"</b>	4,2	2,0	4,2	2,0	22,3	11,2	27,1	33,2
<b>"Bebidas Longas"</b>	4,2	4,4	4,2	2,0	14,3	13,1	43,2	35,3

Tabela 12 – Frequência de consumos de alguns tipos de bebidas alcoólicas nas 4 semanas anteriores à aplicação do questionário. \*-  $p < 0,05$

Foram encontradas correlações positivas fracas, mas com significado estatístico, entre a frequência de ingestão de algumas das bebidas alcoólicas e a idade, e a frequência de ingestão de algumas das bebidas alcoólicas e o número de reprovações. O grau de relação encontrado entre a idade de primeira ingestão de álcool e a frequência de ingestão de algumas das bebidas alcoólicas foi igualmente fraco, com significado estatístico, mas neste caso negativo (Tabela 13).

<b>Bebidas</b>	<b>Idade</b>		<b>Nº de reprovações</b>		<b>Idade de 1º Contacto com bebidas</b>	
	<b>r</b>	<b>p</b>	<b>r</b>	<b>p</b>	<b>r</b>	<b>p</b>
<b>Cerveja</b>	0,117	0,046	0,114	0,046	-0,122	0,035
<b>Destiladas</b>	0,120	0,036	0,130	0,21	-0,211	<0,001
<b>Vinho</b>	--	--	--	--	-0,223	<0,001
<b>"Shots"</b>	0,126	0,003	0,234	<0,001	--	--
<b>"Alcopops"</b>	0,174	0,002	0,228	<0,001	--	--
<b>"Bebidas Longas"</b>	--	--	0,169	0,002	-0,158	0,005

Tabela 13 – Correlações entre frequência de ingestão de algumas bebidas alcoólicas e: idade, número de reprovações e idade de primeiro contacto com bebidas alcoólicas.

Relativamente aos dados da tabela D5 (ver questionário), nos quais eram questionadas as frequências com que determinados acontecimentos teriam ocorrido, no seguimento da ingestão de bebidas alcoólicas, a taxa de resposta foi praticamente nula (n=14; 3,9%). Destes, a maioria (71,4%) referiu nunca ter sofrido nenhuma das referidas consequências.

## 5. DISCUSSÃO

Tal como outros estudos, também este apresenta limitações. A maior prende-se com a selecção da amostra, que é de conveniência e não randomizada, embora tenha representações geográficas distintas (meio rural/ meio urbano) e seja de dimensão não muito reduzida. A recolha de uma amostra significativa nacional, ou da região norte, não foi possível, dado o curto período de tempo destinado ao trabalho de campo e à baixa taxa de colaboração dos conselhos executivos de algumas das escolas secundárias contactadas, o que explica termos recolhido dados em apenas duas escolas.

Os adolescentes inquiridos eram, na sua maioria, oriundos de um nível sócio económico médio baixo, já que grande parte dos progenitores, quer no meio rural quer no meio urbano, tinha um nível académico inferior ao 3º ciclo do ensino básico (9º ano de escolaridade) e, tendo por base a classificação nacional das profissões, a maioria dos pais eram trabalhadores qualificados manuais ou não qualificados e as mães, ou não tinham profissão, ou eram trabalhadoras não qualificadas. Este facto poderá ser considerado como influenciador dos hábitos alcoólicos, já que as condições sócias económicas são apontadas, em alguns estudos, como condicionantes do consumo de bebidas alcoólicas. <sup>(44, 48)</sup>

Relativamente a alguns dos mitos e falsos conceitos associados às bebidas alcoólicas, uma grande parte dos inquiridos, em ambos os meios, ou refere não saber, ou acha que as mesmas: são alimentos, tiram a sede, aquecem, podem ser benéficas para a saúde, e o seu consumo não é prejudicial, desde que o indivíduo se sinta bem.

As noções que os adolescentes da amostra têm, sobre possíveis efeitos que possam advir da ingestão de álcool, também são preocupantes, já que vários, sobretudo no meio rural, pensam que as bebidas alcoólicas ajudam a esquecer os problemas e as tristezas, a sua ingestão pode ser uma boa maneira de fazer amizades e uma das formas mais agradáveis de festejar. A maioria, sobretudo no meio rural, pensa também, que os sentimentos são mais fáceis de expressar após a ingestão de bebidas alcoólicas e que é impossível organizar uma festa sem as mesmas. Estes resultados enquadram-se com os encontrados por Breda (1996).

(49)

No que diz respeito a questões legislativas, apesar da maioria achar que não se devem disponibilizar bebidas alcoólicas nas cantinas das escolas nem em estabelecimentos próximos, ainda existe uma percentagem preocupante que não concorda com estas proibições, bem como com a restrição de venda dessas bebidas a menores de 16 anos. Estes resultados vão de encontro aos encontrados por Cruz *et al.* (2000).<sup>(56)</sup>

Apesar disto, verificou-se que a maioria dos adolescentes inquiridos neste estudo, não se considera suficientemente informada no que diz respeito às bebidas alcoólicas, já que a maioria acha que as escolas deveriam fornecer informação acerca do consumo de álcool e suas consequências. Seria portanto de esperar que, caso existissem programas de prevenção a nível escolar, talvez o seu impacto, junto desta faixa etária, fosse maior.

No que concerne aos comportamentos e atitudes face às bebidas alcoólicas, salienta-se que o primeiro contacto com o álcool foi precoce para a maioria dos inquiridos (entre os 12 e os 17 anos de idade), havendo ainda uma percentagem preocupante que ingeriu a sua primeira bebida alcoólica antes dos 11 anos de

idade (22,8% no meio rural e 21,4% no meio urbano), sendo este valor superior ao encontrado por Morgan (2002).<sup>(50)</sup>

Uma minoria (8,3% meio rural e 13,5% meio urbano) referiu nunca ter ingerido uma bebida alcoólica. Estes valores enquadram-se com os relatados por Nogueira *et al.* (2001)<sup>(51)</sup> e estão abaixo dos encontrados por Jerez *et al.* (1998), Feldman *et al.* (1999) e Laukannen *et al.* (2001)<sup>(7, 21, 52)</sup>, o que, mais uma vez, demonstra a elevada permissividade da nossa sociedade à ingestão de álcool.

Dos resultados acerca do primeiro contacto com bebidas alcoólicas, ressalta ainda que a grande maioria se encontrava na companhia dos familiares, tal como o verificado por Nogueira (2001)<sup>(51)</sup>, e em casa, assim como o relatado por Breda (1996).<sup>(49)</sup>

Mais de metade dos jovens do meio rural, e quase metade dos do meio urbano, já se tinham embriagado, pelo menos uma vez, não sendo de menosprezar o facto de uma percentagem, relativamente elevada, ter referido já se ter embriagado mais de 11 vezes (8,6% meio rural e 6,0% meio urbano). Resultados estes que vão de encontro aos relatados por Breda (1996).<sup>(49)</sup>

Das razões apontadas para os consumos de álcool, ressalta que a maioria dos adolescentes, nomeadamente os do meio rural, o fazem: para se divertir mais, porque os amigos também bebem, porque gostam do sabor e para fugir/ esquecer os problemas, a par com o verificado por Cruz *et al.* (2000).<sup>(56)</sup> É ainda de referir que, 25,3% dos jovens do meio rural e 15,6% dos do meio urbano, concordaram que o facto de que ver jovens a consumir bebidas alcoólicas os leva a beber também.

A maioria dos inquiridos, quer em meio rural quer em meio urbano, referiu beber habitualmente em bares e na companhia dos amigos.

Um dado interessante, e que de algum modo nos surpreendeu, foi o facto dos jovens do meio rural saírem mais à noite que os do meio urbano. Esta situação pode dever-se a inúmeros factos, entre os quais, o próprio conceito de “sair à noite”, que na cidade se relaciona mais com o ir para discotecas, que é mais frequente aos fins de semana, enquanto que em meios rurais pode ser ir até a um café, a um bar, o que pode acontecer a título diário. O facto de na cidade ser necessário sair de carro e nos meios rurais se poder sair a pé, também pode ser uma possível explicação para este facto.

Grande parte dos amigos dos inquiridos, tem por hábito beber álcool quando saem à noite, o que vai de encontro a outros estudos, que concluem que existem muitos jovens com hábitos regulares de consumo de bebidas alcoólicas em contexto nocturno. <sup>(21)</sup>

Sendo a família o agente de socialização por excelência, transmissor de valores e hábitos, é igualmente aquele que mais pode contribuir para que os seus filhos se iniciem no consumo de álcool. Se os pais têm por hábito beber em casa, transmitem esse ritual aos filhos, podendo ser muito permissivos a esse respeito. <sup>(53)</sup>

A percentagem de adolescentes que afirmou que o pai e a mãe tinham hábitos regulares de consumo de bebidas alcoólicas é elevada, em ambos os grupos, sendo superior no meio rural. Isto, pode justificar-se pelo facto de, no meio rural, existir frequente produção caseira de bebidas alcoólicas, nomeadamente de vinho, e também por, neste meio, se verificar maior tradição no que respeita ao consumo diário de álcool.

Apesar de apenas uma minoria dos inquiridos, em ambos os meios, achar que esses consumos alcoólicos dos pais são excessivos, esta não deixa de ser

preocupante, já que segundo alguns autores, o adolescente que não consome álcool provém, na maioria dos casos, de famílias cujos pais não consomem habitualmente álcool, e que bebedores moderados provém de famílias de consumidores moderados. <sup>(17, 54)</sup> Daqui podemos ficar com a ideia de que os padrões de consumo de álcool no adolescente poderão surgir como resultado de uma tentativa de mimetização de exemplos apresentados pela família. Assim, para além dos jovens, os seus pais também devem ser reeducados no sentido de que, ao beberem imoderadamente, poderão estar a transmitir esse hábito à prole. <sup>(55)</sup>

Relativamente aos consumos de bebidas alcoólicas nas últimas 4 semanas, podemos verificar que a maioria dos inquiridos, quer no meio rural quer no meio urbano, tinham ingerido pelo menos uma bebida alcoólica durante esse período. Valor superior ao encontrado por Cruz *et al.* (2000) <sup>(56)</sup>, e semelhante ao referido por Matos *et al.* (2002) <sup>(57)</sup>, o que demonstra um aumento progressivo, ao longo do tempo, na frequência de ingestão de bebidas alcoólicas pelos mais jovens.

As bebidas mais ingeridas, diariamente, pelos adolescentes da amostra foram, para o meio rural: cerveja, “shots”, “alcopops” e bebidas longas e para o meio urbano: bebidas destiladas e bebidas longas. Com frequência de ingestão semanal (uma a duas vezes), as bebidas mais referidas pelos adolescentes do meio rural, foram: “alcopops”, cerveja e bebidas destiladas e pelos do meio urbano: bebidas longas, “shots” e “alcopops”.

As bebidas mais consumidas a título mensal (uma ou duas vezes por mês), foram, para ambos os meios: bebidas longas, destiladas e “alcopops”.

A menor frequência de ingestão verificou-se, em todos os casos, para o vinho.

Estes resultados enquadram-se com os relatados no *World Drink Trends* (2003), que refere uma diminuição na ingestão de vinho e um aumento no consumo de destiladas. <sup>(1)</sup>

Relativamente ao consumo dos “*alcopops*”, ou bebidas da moda, é de referir que, ao se caracterizarem por possuírem sabores doces que disfarçam a presença do álcool, e por chegarem às mãos dos consumidores em embalagens atractivas, são intencionalmente preparadas para os mais jovens, visando, deste modo, o incentivo ao consumo de álcool neste subgrupo da população. <sup>(19, 56)</sup>

Da análise das correlações encontradas, evidencia-se que quanto mais velhos os inquiridos e maior o número de reprovações: maior a frequência de ingestão da maioria das bebidas alcoólicas referidas, maior a pressão que sentem no sentido de ingerir álcool quando vêm outros jovens a fazê-lo, maior o número de embriaguezes e maior a frequência de ingestão de álcool nas saídas nocturnas. Por outro lado, quanto mais precoce o primeiro contacto com as bebidas alcoólicas: maior o número de embriaguezes, tal como o referido por Breda (1996) <sup>(49)</sup>, e maior a frequência de ingestão de bebidas alcoólicas, nomeadamente nas saídas nocturnas.

## 6. CONCLUSÕES

Quer a ausência de saber demonstrada relativamente às bebidas alcoólicas, nomeadamente no que diz respeito às suas acções, efeitos, mitos e falsos conceitos, quer a elevada permissividade a nível familiar e social, conjugadas com a vulnerabilidade característica do período de grandes mudanças que é a adolescência, tornam estas bebidas num grave risco para esta amostra da população.

Da análise dos resultados, fica a clara ideia de que numa fase mais precoce da vida, é a família que influencia mais as opções dos jovens, no que diz respeito ao consumo de álcool, sendo progressivamente substituída pelos amigos. Neste contexto, podemos concluir que, nesta faixa etária, a pressão exercida pelo grupo de pares é muito elevada e estará certamente na base de alguns dos comportamentos incompatíveis com a saúde que os adolescentes têm, relativos aos consumos de bebidas alcoólicas.

Existe toda uma indústria de entretenimento direccionada para os mais jovens, que não só lança novas bebidas alcoólicas, criadas intencionalmente para este grupo, como também promove largamente o seu consumo junto do mesmo.

De modo a prevenir, de um modo mais eficaz, o consumo de álcool pelos adolescentes e as consequências que daí possam advir, devemos adoptar estratégias que não usem somente a educação dos riscos como forma de prevenção, mas também sugiram alternativas aos consumos de bebidas alcoólicas neste grupo da população, visando o envolvimento de vários intervenientes a nível social, com especial enfoque para a comunidade, a escola, os pais, e o grupo de pares.

**BIBLIOGRAFIA**

1. World Drink Trends 2003 Edition, section one: World alcohol consumption. p:9-19,102.
2. World Health Organization. Alcohol in the European region: consumption, harm and policies. Rehn N, Room R, Edward G. Regional Committee for Europe at its' forty-eight session, Copenhagen, September 1998. Disponível em: <http://www.euro.who.int/document/E76240.pdf>..
3. Mello MLM, Barrias J, Breda J. Álcool e problemas ligados ao álcool em Portugal. Lisboa: Direcção Geral de Saúde; 2001. p.27-33.
4. World Health Organization. Adult *per capita* consumption. Disponível em: [http://www3.who.int/whosis/alcohol/alcohol\\_apc\\_data\\_processe.cfm?path=whosis,alcohol](http://www3.who.int/whosis/alcohol/alcohol_apc_data_processe.cfm?path=whosis,alcohol).
5. Morais C, Batalha A. Padrões do consumo dos jovens em contexto nocturno.
6. Centro Regional de Alcoologia do Norte – Unidade de Prevenção e Educação para a Saúde. Guião de Formação em Alcoologia. Porto; 2004.
7. Laukkanen E, Shemeikka S, Viinamäki H, Pölkki P, Lehtonen J. Heavy Drinking is associated with more severe psychosocial dysfunction among girls than boys in Finland. *J Adolesc Health* 2001;28:270-277.
8. World Health Organization. Global Status Report: Alcohol Policy 2004. disponível: [http://www.who.int/substance\\_abuse/publications/en/Alcohol%20Policy%20Report.pdf](http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/Alcohol%20Policy%20Report.pdf)

9. World Health Organization. About Alcohol Database. Disponível em: [http://www3.who.int/whosis/alcohol/alcohol\\_about\\_us.cfm?path=whosis,alcohol\\_alcohol](http://www3.who.int/whosis/alcohol/alcohol_about_us.cfm?path=whosis,alcohol_alcohol).
10. Breda J. Álcool e saúde pública. *Cadernos da DGS* 2004;3:17-19.
11. Greening L, Stoppelbein L. Young drivers' health attitudes and intentions to drink and drive. *J Adolesc Health* 2000;27:94-101.
12. Adlaf E, Mann R, Paglia A. Drinking, cannabis use and driving among Ontario students. *CMAJ* 2003;168(5):565-566.
13. Garr-Gregg M, Enderby K, Grover S. Risk-taking behaviour of young women in Australia: screening for health-risk behaviours. *Med J Aust* 2003;178(12):601-604.
14. News from Alcohol Concern. Binge drinking crisis needs urgent action-as well as a long term strategy. *Alcohol Concern*. March 2004. Disponível em: <http://www.alcoholconcern.org.uk>.
15. Aarons G, Brown S, Coe M, Myers M. Adolescent alcohol and drug abuse and health. *J Adolesc Health* 1999;24:412-421.
16. Bailey S, Pollock N, Martin C, Lynch K. Risky sexual behaviours among adolescents with alcohol use disorders. *J Adolesc Health* 1999;25:179-181.
17. Adés J, Lejoyeux M. Comportamentos alcoólicos e seu tratamento. Lisboa: Climepsi editores; 1997. p.76-80.
18. Jenkins RR. Special health problems during adolescence. Behrman RE, Kliegman RM, Jenson HB. IN: Nelson – textbook of pediatrics, 17<sup>th</sup> edition. Philadelphia Pennsylvania: Saunders; 2004. p.641-657.
19. World Health Organization. Settertobulte W, Jensen B, Hurrelmann K. Drinking among young Europeans. European Ministerial Conference on Young People

- and Alcohol, Stockholm, 19-21 Feb 2001. Disponível em: <http://www.euro.who.int/document/E71921.pdf>.
20. Rehm J, Gmel G, Room R, Frick U. Average volume of alcohol consumption drinking patterns and related burden of mortality in young people in established market economies of Europe. *Eur Addict Res* 2001;7:148-151.
21. Feldman L, Harvy B, Holowatyp, Shortt L. Alcohol use beliefs and behaviours among high school students. *J Adolesc Health* 1999;24:48-58.
22. Wilson N, Battistish V, Syme S, Boyce W. Does elementary school alcohol, tobacco and marijuana use increase middle school risk? *J Adolesc Health* 2002;30:442-447.
23. Paten A. Reflections an alcohol and the young. *Alcohol & Alcoholism* 1999;34(4):502-505.
24. Lintonen T, Konu A, Rimpelä M. Identifying potential heavy drinkers in early adolescence. *Health Education* 2001;101(4):159-168.
25. Lowe G. Getting the message across to young drinkers and smokers: brief motivational interventions may help. *Health Education* 2001;101(1):38-39.
26. World Health Organization. Declaration on young people and alcohol, 2001 Disponível em: [http://www.euro.who.int/aboutWHO/policy/20030204\\_1](http://www.euro.who.int/aboutWHO/policy/20030204_1).
27. Subratty AH, Chan MC, Kassen HK. A need for healthy canteens in secondary schools in Mauritius. *Nutrition & Food Science* 2001;33(5):208-212.
28. Subratty AH, Imrit S, Jowaheer V. A web-based survey on adolescents' perceptions of food. *Nutrition & Food Science* 2002;32(6):210-213.
29. Lytle L. Nutritional issues for adolescence. *J Am Diet Assoc* 2002;102(3):S8-S12.

30. Story M, Neumark-Sztainer D, French S. Individual and environmental influences on adolescent eating behaviours, *J Am Diet Assoc* 2002;102(3):S40-S51.
31. Spear B. Adolescent growth and development. *J Am Diet Assoc* 2002;102(3):S23-S29.
32. Sturdevant M, Spear B. Adolescent psychosocial development. *J Am Diet Assoc* 2002;102(3):S30-S31.
33. Spear BA. Nutrition in Adolescence. Mahan LK, Escott-Stump S. IN: Food, nutrition and diet therapy. Philadelphia Pennsylvania: Saunders; 2004. p.284-286,293,294,298.
34. Foxcroft D, Ireland D, Lister-Sharp D, Lowe G, Breen R. Longer-term primary prevention for alcohol misuse in young people: a systematic review. *Addiction* 2003;98:397-411.
35. Van der Rijt G, D'Haenens L, Van Straten P. Smoking and other substance use as distinct features of teenage subcultures. *J Adolesc Health* 2002;31:433-435.
36. Sieving R, Perry C, Williams C. Do friendships change behaviours, or do behaviours change friendships? Examining paths of influences in young adolescents' alcohol use. *J Adolesc Health* 2000;26:27-35.
37. Fleming K, Thorson E, Atkin C. Alcohol Advertising Exposure and perceptions: links with alcohol expectancies and intentions to drink or drinking in underage youth and young adults. *J Health Commun* 2004;9:3-29.
38. Breda J. Álcool, jovens e publicidade: implicações para a prevenção. *Rev Soc Portuguesa de Alcoologia*, 2001;IX(6):19-22.

39. Ransley J. Eating disorders and adolescent: what are the issues for secondary schools? *Health Education* 1999;1:35-42
40. Abraham S. Dieting, body weight, body image and self-esteem in young women: doctors' dilemmas. *Med J Aust* 2003;178(12):607-611.
41. McVey G, Teewd S, Blackmore E. Dieting among preadolescent and young adolescent females. *CMAJ* 2004;170(10):1559-1561.
42. Croll J, Neumerk-Sztainer D, Story M, Ireland M. Prevalence and risk and protective factors related to disordered eating behaviours among adolescent: relationship to gender and ethnicity. *J Adolesc Health* 2002;31:166-175.
43. Gutgesell M, Moreau K, Thompson D. Weight concerns, problem eating behaviours, and problem drinking behaviours in female collegiate athletes. *Journal of Athletic Training* 2003;38(1):62-66.
44. Costa J, Silveira M, Gazalle F, Oliveira S, Hallal P, Menezes A, Gigante D. Heavy alcohol consumption and associated factors: a population based study. *Rev Saúde Pública* 2004;38(2):1-8.
45. Harichaux P, Humbert J. O alcoolismo. Coimbra: Livraria Almedina; 1978. p.93-96.
46. Johnson P, Richter L. The relationship between smoking, drinking and adolescents' self-perceived health and frequency of hospitalization: analyses from 1997 national household survey on drug abuse. *Journal J Adolesc Health* 2002;30:175-183.
47. Descombe M. Critical incidents and the perception of health risks: the experiences of young people in relation to their use of alcohol and tobacco. *Health, Risk & Society* 2001;3(3):293-306.

48. Chaieb JA, Castellarin C. Associação tabagismo x alcoolismo: introdução às grandes dependências humanas. *Rev Saúde Pública*. 1998;32:246-254.
49. Breda J. Bebidas alcoólicas e jovens – um estudo sobre consumos, conhecimentos e atitudes. *Rev Soc Portuguesa de Alcoologia* 1996;VI(3):37-119.
50. The Salvation Army. Alcohol Awareness Survey, 2002. Morgan R. Disponível em:  
[http://www.salvationarmy.org.au/reports/alcohol\\_awareness\\_survey2002.pdf](http://www.salvationarmy.org.au/reports/alcohol_awareness_survey2002.pdf)
51. Nogueira MT. Prevenção do alcoolismo a nível escolar: medidas de intervenção e de articulação com a comunidade. *Rev da Soc Portuguesa de Alcoologia* 2001;IX(6):7-17.
52. Jerez S, Coviello A. Alcohol drinking and blood pressure among adolescents. *Alcohol* 1998;16(1):1-5.
53. Ismail F. Beber experimental e Prevenção – famílias, crianças e adolescentes. IN: Álcool benigno, álcool maligno. Porto: Ambar; 2002. p.45-47,55-61.
54. Hers D, Faoro-Kreit B. A criança na família alcoólica. Roussaux JP, Hers D, Faoro-Kreit B. IN: O alcoólico em família. Lisboa; Climepsi editores; 2002. p.141-151.
55. Brooke DW, Brooke JS, Rubenstone E, Zhang C, Singer M, Duke MR. Alcohol use in adolescents whose fathers abuse drugs. *J Addict Dis* 2003;22:11-34.
56. Cruz LM, Henriques JA, Ferreira AS, Gaudêncio C, Duarte D. Consumo de álcool e suas implicações na aprendizagem. *Fundação Cascais*. 2000. Disponível em: [http://www.geocities.com/fc\\_alcoolismo/artigos.htm](http://www.geocities.com/fc_alcoolismo/artigos.htm).
57. Matos M, Carvalhosa S, Reis C, Dias C. Os jovens Portugueses e o álcool. *Faculdade de Motricidade Humana - Programa de educação para todos*, 2002.

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

ANEXO 1 – Questionário Aplicado para a Execução do Estudo

**ANEXO 1**

---

**Questionário Aplicado para a Execução do Estudo**

## CENTRO REGIONAL DE ALCOOLOGIA DO NORTE

Este questionário faz parte de um estudo, da responsabilidade dos Serviços de Nutrição e de Sociologia do Centro Regional de Alcoologia do Norte, realizado em escolas do ensino secundário, sobre conhecimentos, atitudes e comportamentos de jovens, face às bebidas.

Pedimos-te que respondas com a maior sinceridade, rigor e objectividade, pois só assim os resultados poderão ser significativos e úteis para a elaboração de programas de educação e promoção da saúde.

As tuas respostas serão anónimas e estritamente confidenciais. Não existem perguntas correctas ou incorrectas pois não se trata de um teste e não conta para nota.

<b>Estabelecimento de Ensino:</b>	
<b>Ano de escolaridade:</b>	10º ___ 11º ___ 12º ___
<b>Sexo:</b>	F ___ M ___ <b>Idade:</b> _____
<b>Com quem vives?</b>	Pai e Mãe ___ Irmãos ___ Pai ___ Avós ___ Mãe ___ Outros ___ Quem _____
<b>Pai:</b>	Profissão _____ <b>Mãe:</b> Profissão _____
Escolaridade: <input type="checkbox"/> Analfabeto	Escolaridade: <input type="checkbox"/> Analfabeto
<input type="checkbox"/> 1º-4º <input type="checkbox"/> 5º-9º	<input type="checkbox"/> 1º-4º <input type="checkbox"/> 5º-9º
<input type="checkbox"/> 10º-12º <input type="checkbox"/> Curso superior	<input type="checkbox"/> 10º-12º <input type="checkbox"/> Curso superior

A. Já alguma vez repetiste um ano escolar? S \_\_\_ N \_\_\_

A1. Em caso afirmativo, assinala no quadro seguinte o número de vezes que repetiste cada ano.

Ano de escolaridade	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
Nº de vezes que repetiu												

### 1ª PARTE – Conhecimentos

C. Assinala a tua opinião em relação às afirmações que se seguem:

	Concordo Muito	Concordo	Não tenho a certeza	Discordo	Discordo muito	Não Sei
C1. O álcool dá força e faz com que as pessoas se sintam em forma.						
C2. O álcool ajuda a esquecer os problemas e as tristezas.						
C3. Em algumas situações o álcool é benéfico para a saúde.						
C4. Consumir bebidas alcoólicas pode ser uma boa maneira de fazer amizades.						
C5. Nas escolas secundárias deveria vender-se bebidas alcoólicas na cantina.						

<b>C6.</b> Admiro pessoas que consomem bebidas alcoólicas.						
<b>C7.</b> O consumo de álcool não é prejudicial desde que a pessoa se sinta bem.						
<b>C8.</b> O vinho e outras bebidas alcoólicas são alimentos.						
<b>C9.</b> Beber vinho ou outras bebidas alcoólicas (cerveja, por ex.) mata a sede.						
<b>C10.</b> As bebidas alcoólicas aquecem.						
<b>C11.</b> Consumir bebidas alcoólicas é perigoso para a saúde.						
<b>C12.</b> Concordas com a proibição da venda de bebidas alcoólicas em estabelecimentos próximos de escolas?						
<b>C13.</b> As escolas deveriam fornecer informação acerca do consumo de álcool e suas consequências, de modo a ajudar os jovens a tomar decisões responsáveis relativas ao consumo de álcool.						
<b>C14.</b> Considero aborrecidas as pessoas que não bebem bebidas alcoólicas.						
<b>C15.</b> Concordas com a proibição da venda de bebidas alcoólicas a menores de 16 anos?						
<b>C16.</b> É impossível organizar uma festa sem bebidas alcoólicas.						
<b>C17.</b> Ver jovens como eu a tomar bebidas alcoólicas leva-me por vezes a beber também.						
<b>C18.</b> Beber é uma das formas mais agradáveis de festejar.						
<b>C19.</b> Depois de beber é mais fácil expressar os sentimentos.						

### **2ª Parte – Atitudes e comportamentos face às bebidas**

**D.** As questões que se seguem dizem respeito a eventuais hábitos, experiências e comportamentos dos jovens. Para cada questão, assinala com um X a resposta que mais se adequa a ti.

**D1. Que idade tinhas quando bebeste bebidas alcoólicas pela primeira vez?**

- 0 - 5     
 6 - 11     
 12 -17     
 > 17  
 Nunca bebi

**D1.1. No caso de nunca teres bebido, diz a principal razão porque não o fazes.**

---

---

---

**D2. Nessa 1ª vez, em que bebeste álcool, com quem estavas?**

- Sozinho                       Com amigos                       Com a família  
 Outro. Quem? \_\_\_\_\_

**D3. Em que local o fizeste?**

- Bar                                       Discoteca                                       Café junto à escola  
 Outro café                                       Em casa de amigos                                       Em tua casa  
 Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**D4. Com que frequência bebeste bebidas alcoólicas nas últimas quatro semanas?**  
(Responder às 6)

	Várias vezes por dia	1 ou 2 vezes por dia	1 ou 2 vezes por semana	1 ou 2 vezes por mês	Não bebi
<b>Cerveja</b>					
<b>Bebidas destiladas</b> (Whisky, Vodka, Aguardente, Bagaço, Brandy, etc.)					
<b>Vinho</b>					
<b>Shots</b> ( Moranguito, B-52, Kalashnicov,...)					
<b>Alcopops</b> (Smirnoff Mule, Martini Metz, Eristoff Ice,...)					
<b>Bebidas longas</b> (Vodka limão, Safari cola, ...)					

**D5. Se ingeres bebidas alcoólicas, assinala relativamente a cada afirmação, a opção que mais se aproxima da frequência com que cada uma das seguintes situações te aconteceu:**

	Pelo menos uma vez no último mês	Pelo menos uma vez nos 2 últimos meses	Pelo menos uma vez no último ano	Aconteceu uma vez na minha vida	Nunca me aconteceu
Ter uma ressaca					
Faltar às aulas depois de ingerir bebidas alcoólicas e/ou estar embriagado					
Ter ido a uma aula após ter ingerido bebidas alcoólicas					
Ter conduzido motorizada, moto ou carro após ter bebido					
Ter piores notas ou um mau teste por causa das bebidas					
Ter um problema com o conselho directivo resultante de comportamentos após ter ingerido álcool					
Ter entrado em brigas após ter ingerido bebidas alcoólicas					
Ter falta de memória e não se lembrar de nada após ter bebido					
Ter problemas ou zangas com familiares e/ou com o namorado/a					
Ter bebido bebidas alcoólicas antes de ir para testes					
Prática de sexo desprotegido					

**D6. Tens ideia de quantas vezes já te sentiste embriagado/a em toda a tua vida?**

- Nunca   
 1-2 vezes   
 3-5 vezes   
 6-10 vezes   
 11-20 vezes  
 21-40 vezes   
 Mais de 40 vezes

**D7. Quais as principais razões que te levam a consumir bebidas alcoólicas?**

- Porque os meus amigos também bebem   
 Para não ser gozado no grupo  
 Porque me divirto mais   
 Faz-me sentir mais adulto  
 Sinto necessidade de beber álcool   
 Fugir/ Esquecer os problemas  
 Desafiar a autoridade dos pais/ professores   
 Para ficar embriagado  
 Para sentir maior confiança para "meter" conversa e conhecer novas pessoas  
 Gosto do sabor   
 Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**D8. Onde as consumes habitualmente?**

- Bares   
 Discotecas   
 Cafés junto à escola  
 Outros cafés   
 Em casa de amigos   
 Em tua casa  
 Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**D9. Habitualmente bebes:**

- Sozinho   
 Com amigos   
 Com a família  
 Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**D10. Achas que o facto de beberes álcool te prejudica em alguns aspectos?**

- Sim  Não (Passa à questão D12)  Não Sei

**D11. Em que aspectos? (Resposta Múltipla)**

- Na escola  Na saúde, em geral  Na relação com os pais  
 Na relação com os amigos  Outro/ Qual? \_\_\_\_\_

**D12. Com que frequência costumas sair à noite?**

- 1 ou 2 vezes por semana  Várias vezes por semana  
 1 ou 2 vezes por mês  Mais do que 2 vezes por mês  
 Em ocasiões especiais  Raramente  
 Nunca (Passa à questão D15.)

**13. Costumas ingerir bebidas alcoólicas quando saís à noite?**

- Sempre  A maioria das vezes  Algumas vezes  
 Raramente  Nunca

**D14. Dos amigos com quem saís habitualmente, quantos costumam beber álcool?**

- Todos  A maioria  Poucos  
 Nenhum  Não Sei

**D15. Em tua casa quem bebe vinho ou outras bebidas alcoólicas regularmente? (Resposta múltipla)**

- Pai  Mãe  Irmãos  Avô  
 Avó  Outros. Quem? \_\_\_\_\_

**D16. Achas que bebem demasiado?**

- Sim  Não

**D17. Na tua opinião, um alcoólico é uma pessoa que:**

- Bebe muito  Bebe mais do que aquilo que pode aguentar  
 Está muitas vezes embriagado  É dependente do álcool  
 Outra, qual: \_\_\_\_\_  
 Não Sei

**D18. Tens (ou tiveste) alguém na tua família (agregado familiar) com problemas de dependência alcoólica?**

- Sim Quem? (Grau de parentesco) \_\_\_\_\_  
 Não

**Muito obrigado pela tua colaboração!**